

**Sobre Ciccarini, Rafael e Marcelo Miranda (orgs). *Revista de Cinema – Antologia (1954-1957/1961-1964)*, Volumes I e II. Rio de Janeiro: Azougue, 2014. Volume I – 296 pp., ISBN: 978857920091-5 / Volume II – 464 pp., ISBN: 978857920092-2**

por Thaís Vanessa Lara\*



O livro *Revista de Cinema – Antologia (1954-1957/1961-1964)*, organizado pelos críticos e pesquisadores Marcelo Miranda e Rafael Ciccarini, destaca a importância da *Revista de Cinema* na produção crítica brasileira do século XX. A *Revista de Cinema* foi editada em Belo Horizonte em duas fases: a primeira, de 1954

a 1957, com um total de 25 edições; e a segunda fase de 1961 a 1964, em que foram publicadas mais quatro edições. A obra reúne, nesses dois volumes, 98 textos organizados por seções temáticas.

Na apresentação, os organizadores colocam em relevo a história da revista e desmitificam conceitos antigos como o fato de a revista francesa *Cahiers du Cinéma* ser a principal referência dos articuladores da *Revista de Cinema* em sua primeira fase. Segundo Miranda e Ciccarini, “se havia modelos assumidos pelos cequianos<sup>1</sup> na época, estes vinham da Itália, em especial a *Bianco e*

<sup>1</sup> São chamados *cequianos* os frequentadores do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), de Belo Horizonte, que deu origem à *Revista de Cinema*.

*Nero e a Cinema Nuovo*” (7). Os pesquisadores ainda vão justificar os parâmetros utilizados na escolha e organização dos textos.

O prefácio do livro é assinado pelo professor e pesquisador Ismail Xavier. No texto inédito “Um elo essencial da crítica brasileira”, ele contextualiza histórica e politicamente os artigos selecionados na obra. A introdução converte-se praticamente em uma aula sobre a crítica do período e a articulação crítica da *Revista de Cinema*.

O primeiro volume é estruturado em quatro seções: *O neorrealismo italiano*, *A revisão do método crítico*, *Ensaio sobre a crítica* e *Gêneros*. Essa abordagem em seções demonstra um intenso trabalho de pesquisa e sistematização dos organizadores. E se torna fundamental para a compreensão do pensamento crítico da época, além de permitir acompanhar o amadurecimento dos próprios críticos em seus debates diante do posicionamento da crítica.

Na primeira seção, constituída por seis artigos, aborda-se o percurso do neorrealismo italiano. O primeiro artigo, de Fritz Teixeira de Salles, introduz e discute as postulações teóricas do movimento neorrealista, a fim de analisar a “teorização de Cesare Zavattini”. Os três artigos seguintes são compostos por “O neorrealismo italiano: escola cinematográfica. Parte I, II e III”, de José Francisco Coelho. De acordo com Ismail Xavier, “trata-se de um equilibrado dossiê voltado para o estilo e o núcleo temático que marcam cada cineasta, com esclarecedor painel de tendências articulado a uma análise dos fatores históricos subjacentes à irrupção do neorrealismo [...]” (16). Mais adiante, Maurício Gomes Leite propõe uma avaliação crítica do artigo “Balanço do neorrealismo”, feito por Raymond Borde e André Bouissy para a edição de abril/1957 da revista francesa *Positif*. Seguidamente, o artigo “Para compreender uma revolução geológica do cinema (realidade cinematográfica e mundo real)”, de José Haroldo Pereira, encerra a seção.

A segunda seção, *A revisão do método crítico*, é formada por dez artigos, sendo que, no primeiro, Cyro Siqueira se dedica aos questionamentos da revisão do método crítico tecendo considerações não apenas ao neorrealismo, mas acerca do cinema e da sociedade. Em continuidade ao assunto, Alex Viany questiona, em “O realismo socialista no cinema e a revisão do método crítico”, a teoria da montagem como o específico fílmico diante das novas experiências. E afirma não ser necessário um “revisionismo na crítica”: “Penso eu, de facilitar-lhe o acompanhamento da evolução estética do cinema, de alertá-la para as possibilidades artísticas que se abrem no cinema com a descoberta de novos processos mecânicos e com a enunciação de questões subordinadas a doutrinas filosóficas e políticas” (104). As questões levantadas pelos autores são esmiuçadas em “Conteúdo e forma no cinema. Parte I e II”, de Fritz Teixeira, “A técnica da evolução” e “As categorias estéticas da arte cinematográfica. Parte I e II”, de Cyro Siqueira. Nesses artigos, os autores questionam que os procedimentos técnicos – montagem, plano-sequência e diálogos – não devem ser unidades julgadoras dos valores de um filme. Guy de Almeida escreve “À margem do realismo socialista no cinema”, em que relaciona a evolução do cinema russo à política. O autor segue essa análise até o surgimento do realismo socialista. Ainda nesta seção, Pe. Guido Logger expõe o antigo “método clássico” e apresenta um esquema das relações de forma-conteúdo no artigo “A concepção ‘clássica’ da arte no filme”.

Na terceira seção, *Ensaio sobre a crítica*, encontram-se três artigos: “Sobre a crítica do cinema” e “Cinema e estética”, de Fábio Lucas, e “A crítica cinematográfica”, de Jomard Muniz de Britto. Os textos dão sequência às discussões em torno da revisão crítica. Os autores compartilham da mesma opinião no que diz respeito à função da crítica. De acordo com Xavier, eles insistem “que o crítico de cinema, em vez de se ater à questão do específico, deve buscar um domínio dos princípios gerais da estética e teoria das formas, trabalhar em outro plano sem fetichizar a técnica, fazendo interagir a análise formal com a dimensão sócio-histórica da arte e seus efeitos” (19).

A quarta seção tem nove textos dedicados à compreensão dos gêneros, mais especificamente o musical (melodrama e comédia) e o *Western*. Os artigos “O filme musical I e II” abrem a série em relação ao tema. Neles, Silvano Santiago e Maurício Gomes Leite discorrem sobre a origem do filme musical. No primeiro artigo, é feita uma introdução ao aparecimento do som e uma análise das sátiras musicais de René Clair. Em seguida, é abordado o desenvolvimento histórico do filme musical. Este último tópico é orientado por uma divisão em três grupos: “musicais de antes da guerra”, “musicais durante a guerra” e “musicais depois da guerra”. A segunda parte destaca o musical dos anos 1950, em especial o trabalho de Gene Kelly. O artigo “Mack Sennett e a comédia no cinema”, de Cyro Siqueira, traz, inicialmente, uma análise do estudo “Do riso e da significação do cômico”, de Henri Bergson, do qual destaca “três processos fundamentais do gênero”: a) repetição, b) inversão, c) interferência de séries. Posteriormente, o crítico estabelece considerações a respeito do livro *King of Comedy*, de Mack Sennett. E afirma que Sennett contribuiu para dar uma visão, ainda que sumária, do próprio crescimento do cinema americano. Já no texto “*Western: forma dramática*”, Siqueira reconhece que os diretores George Stevens e Fred Zinnemann fixaram definitivamente o *Western* como forma dramática. Na sequência, o artigo “A Ópera de cavalo e do pobre”, de Paulo Emilio Salles Gomes, acentua a importância do *Western* de tipo histórico. O autor aponta a similaridade entre a *Horse Ópera* (ópera de cavalo), nome dado ao filme de *cowboy* na gíria cinematográfica americana, e a *Beggar’s Opera*, *L’opéra de quat’sous* e a *Dreigroschenoper* (ópera do povo). Conforme Paulo Emilio, são todos nomes que evocam a mesma coisa: a humildade do divertimento do pobre (265). Nessa perspectiva, o texto “Do mito ao ritmo: formação do gênero *Western*”, de Rudá de Andrade, esclarece as definições *Western-Mito* e *Western-Ritmo*. E sustenta que a contribuição literária e o desenvolvimento dos temas e personagens humanos foram enriquecedores para o *Western*. Para finalizar o primeiro livro, os artigos “Aspectos político-sociais do *Western*”, de Fritz Teixeira Salles, “À procura de

um *Western* puro (Ou involução cinematográfica)”, de Silvano Santiago, e “Música de *Western*”, de Sílvia Castanheira, aprofundam questões como a importância da música popular e a relação entre tema e forma no *Western*.

No segundo volume, os organizadores seguem a mesma formatação. O livro é dividido em cinco seções: *Olhares e reflexões*; *Cineastas, filmes e cinematografias*; *Cinema e outras artes*; *Sobre a censura* e *Indicação crítica*. Em *Olhares e reflexões*, seção de abertura do livro, encontram-se doze artigos dos críticos Cyro Siqueira, Maurício Leite, Flávio Vieira, Sílvia de Vasconcelos, Ely Azeredo e Jomard de Britto. Os textos versam do cinema de Hollywood ao cinema independente discutindo temas como adaptações, bilheteria, arte e indústria.

A segunda seção *Cineastas, filmes e cinematografias* desenvolve um ensaio com dez artigos sobre alguns dos cineastas que influenciaram a *Revista* durante sua segunda fase, tais como Orson Welles, Roberto Rossellini, François Truffaut, Fred Zinnemann e Nelson Pereira dos Santos. Nesta seção, também se situa a única análise de um documentário feita pela *Revista de Cinema*: Silvano Santiago estuda, em seu artigo “Modernos documentários holandeses”, o filme *Espelho de Holanda*, de Bert Haanstra.

Na terceira seção, *Cinema e outras artes*, os três primeiros artigos são dedicados à relação entre cinema e pintura. O crítico Frederico de Moraes apresenta um dossiê sobre a representação realista na pintura e assegura que “o desenvolvimento da pintura, desde as primeiras manifestações artísticas do homem primitivo, fez-se neste sentido: atribuir à pintura o dinamismo, ou seja, a característica fundamental do específico fílmico” (239). Assim, o autor justifica a afinidade entre cinema e pintura. Já adentrando o universo musical, “Trilha sonora – a função da música no cinema”, de Sílvia Castanheira, e “Dança no cinema”, de Cyro Siqueira, compõem um estudo histórico e estético acerca do papel da música no filme.

A quarta seção, *Sobre a censura*, é composta por quatro artigos. O primeiro, “Editorial”, introduz brevemente a situação dos filmes censurados na época e confirma a posição de “liberdade” assumida pela *Revista* diante da censura policial ou religiosa. Os textos seguintes, “Lutero, *Blackboard Jungle* e a censura” e “Resposta sem aspas e julgamentos apressados a um artigo que se declara a favor da censura, escrito por um Padre e dirigido a críticos irresponsáveis”, de Maurício Gomes Leite, e “Para que censura?”, de Pe. Guido Logger, retratam um embate entre os críticos em torno da liberdade de criação dos diretores.

A quinta seção, *Indicação crítica*, finaliza o livro. Esta parte torna-se a mais densa, pois é composta de 35 críticas de filmes como: *Um corpo que cai* (*Vertigo*, Alfred Hitchcock, 1958), *Os brutos também amam* (*Shane*, George Stevens, 1953), *Juventude transviada* (*Rebel without a cause*, Nicholas Ray, 1955), *Hiroshima mon amour* (Alain Resnais, 1959) e *Deus e o diabo na terra do sol* (Glauber Rocha, 1964). De acordo com Ismail Xavier, é do crítico Maurício Gomes a compreensão mais aguda do filme *Deus e o diabo na terra do sol*, “naquela que é talvez a melhor crítica sobre este filme em 1964” (15).

*Revista de Cinema – Antologia (1954-1957/ 1961-1964)* nos proporciona o privilégio de conhecer o movimento da crítica cinematográfica da época. Idealizada pelos seus criadores como um “espaço aprofundado de exposição do pensamento” (6) sobre o cinema, a *Revista* se consagra no panorama crítico brasileiro. A publicação do livro pode ser considerada uma homenagem ao jornalista e crítico Cyro Siqueira, um dos fundadores da *Revista de Cinema* e do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) de Belo Horizonte, quem faleceu em março deste ano.

---

\* Thaís Vanessa Lara é pesquisadora nas áreas de arquivos de filmes e cinema e educação. Atualmente, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Múltiplos Meios do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: [tha\\_vlara@hotmail.com](mailto:tha_vlara@hotmail.com).